



## ARTIGO

### DA CAATINGA À FLORESTA: COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E A REDUÇÃO DA DISTÂNCIA TRANSACIONAL NA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO A DISTÂNCIA (EaD) EM CONTEXTOS DE ISOLAMENTO

FROM THE CAATINGA TO THE FOREST: SOCIO-EMOTIONAL COMPETENCIES AND THE REDUCTION OF TRANSACTIONAL DISTANCE IN PEDAGOGICAL MEDIATION IN DISTANCE EDUCATION (EAD) IN CONTEXTS OF ISOLATION

Eixo Temático: Formação Continuada de Educadores

Caio Roberto Mendes, FERREIRA<sup>1</sup>

*O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. João Guimarães Rosa.*

#### RESUMO:

O presente artigo analisa a importância das competências socioemocionais na atuação do mediador pedagógico como estratégia fundamental para a redução da distância transacional na Educação a Distância (EaD), especialmente em contextos de isolamento geográfico e cultural, metaforicamente representados pelas realidades da Caatinga e da Floresta Amazônica. Nessa perspectiva, a relevância do estudo justifica-se pela necessidade de transcender a visão tecnicista da EaD, focada na infraestrutura, para uma perspectiva humanista que priorize a qualidade das interações e o acolhimento, elementos cruciais para mitigar o sentimento de não pertencimento e a consequente evasão estudantil. Desse modo, a partir da questão norteadora sobre como as competências socioemocionais podem atuar como redutores da distância transacional, o objetivo geral foi investigar o papel da mediação pedagógica na promoção da permanência e do engajamento. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa, de natureza básica e exploratória, operacionalizada por meio de pesquisa bibliográfica e documental, com análise hermenêutica de fontes teóricas clássicas e contemporâneas, bem como da legislação educacional vigente, notadamente o Decreto nº 12.456/2025. Nesse contexto, a fundamentação teórica articulou os conceitos de distância transacional de Moore (1993), a teoria da reintegração de Keegan (1996) e as bases neurobiológicas da afetividade de Damásio (2000), dialogando com a pedagogia da autonomia de Freire (1996) e hooks (2017). Os resultados indicam que a simples conexão tecnológica é insuficiente para garantir a aprendizagem efetiva. Conclui-se, portanto, que o domínio de competências como empatia, escuta ativa e resiliência por parte do mediador é a chave para transformar o ambiente virtual em um território de pertença, convertendo o isolamento físico em presença social e cognitiva, essencial para a democratização do ensino superior em um país de dimensões continentais.

**Palavras-chave:** Educação a Distância (EaD). Competências Socioemocionais. Distância transacional. Mediação pedagógica. Pertencimento.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: [ciberdireitos@gmail.com](mailto:ciberdireitos@gmail.com). <https://lattes.cnpq.br/4722073240076107>.



## ARTIGO

### ABSTRACT:

This article examines the significance of socio-emotional skills in the pedagogical mediator's performance as a crucial strategy for mitigating transactional distance in Distance Education (DE), particularly in contexts of geographical and cultural isolation, metaphorically represented by the realities of the Caatinga and the Amazon Rainforest. The relevance of the study is justified by the need to transcend the technicist view of DE, focused on infrastructure, towards a humanistic perspective that prioritizes the quality of interactions and a welcoming environment, crucial elements in mitigating the feeling of not belonging and consequent student dropout. Based on the guiding question of how socio-emotional skills can reduce transactional distance, the general objective was to investigate the role of pedagogical mediation in promoting retention and engagement. Methodologically, a qualitative approach was adopted, of a basic and exploratory nature, operationalized through bibliographic and documentary research, with hermeneutic analysis of classical and contemporary theoretical sources, as well as current educational legislation, notably Decree No. 12.456/2025. The theoretical foundation articulated Moore's (1993) concepts of transactional distance, Keegan's (1996) theory of reintegration, and Damásio's (2000) neurobiological bases of affectivity, dialoguing with the pedagogy of autonomy by Freire (1996) and hooks (2017). The results indicate that a simple technological connection is insufficient to guarantee effective learning. It is concluded that the mediator's mastery of skills such as empathy, active listening, and resilience is the key to transforming the virtual environment into a territory of belonging, converting physical isolation into social and cognitive presence, essential for the democratization of higher education in a country of continental dimensions.

**Keywords:** Distance Education. Socio-emotional Skills. Transactional Distance. Pedagogical Mediation. Belonging.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a EaD, impulsionada pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), apresenta crescimento exponencial, de modo a oferecer um espaço privilegiado para a democratização e o livre fluxo do conhecimento, independentemente do local onde esse conhecimento é produzido (Cardoso *et al.*, 2012). Nesse cenário, em conformidade com o novo marco regulatório da EaD (Decreto nº 12.456/2025), essa modalidade é entendida como um processo educativo mediado por tecnologias digitais, articulando atividades síncronas e assíncronas, o que possibilita diversos níveis de distanciamento espaço-temporal entre professores e estudantes, desde que seja garantida a mediação pedagógica por meio de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) (Brasil, 2025). Diante dessa expansão da EaD no Brasil, ela conectou ambientes tão distintos quanto a Caatinga semiárida e a densa Floresta Amazônica, levando educação a regiões distantes dos centros urbanos e isoladas. A separação física, uma das características centrais da EaD



## ARTIGO

segundo Keegan (1996), no entanto, não pode significar o isolamento do estudante (Assis *et al.*, 2025). Por conseguinte, um dos maiores desafios da EaD é justamente a Distância Transacional (DT), conceito esse introduzido por Moore (1993), o qual descreve o *gap* psicológico e de comunicação entre mediadores e alunos que precisa ser superado por técnicas especiais de ensino (Aguiar; Grossi, 2024). A DT, nessa visão, é acentuada quando o professor não consegue estimular os alunos a serem ativos, visto que esse distanciamento envolve aspectos geográficos, relacionais, educacionais e psicológicos (Moore; Kearsley, 2007; Sihler; Ferreira, 2011).

No presente cenário, a falta de interação e o consequente isolamento, além da sensação de não pertencimento dos estudantes, são elementos determinantes para o insucesso educacional e, principalmente, para a evasão nos cursos na EaD (Assis *et al.*, 2025; Serra, 2005). A EaD, em razão dessa importância, no lugar de ser um processo de aprendizado solitário (Martins; Ribeiro, 2018; Rodrigues; Mendonça; Mendonça, 2018), deve fomentar um ambiente de colaboração, interatividade, afetividade, autonomia, além da aprendizagem ativa e significativa (Assis *et al.*, 2025; Chalita, 2004). Nesse teor, a distância transcende a geografia física e deve ser compreendida como um fenômeno pedagógico, mensurado pela intensidade do diálogo, afeto, rigidez ou flexibilidade do desenho pedagógico (Moore, 1993). Para o estudante situado em cenários de isolamento geográfico, desse modo, seja aquele que enfrenta a logística fluvial da Amazônia ou a dispersão rural do Sertão, a ausência de uma mediação afetiva pode transformar a flexibilidade do ensino em uma experiência de solidão (Assis *et al.*, 2025) e/ou evasão por falta de afeto (Sihler; Ferreira, 2011). Em vista desse cenário, hooks (2017) ensina que a educação deve ser uma prática de liberdade, a qual cria comunidades de aprendizado, onde o aluno não é um sujeito isolado, mas parte integrante de um todo.

Nesse hiato, a figura do mediador pedagógico, formalizada pelo recente Decreto nº 12.456/2025 (Brasil, 2025) em substituição ao antigo tutor, emerge não apenas como suporte, mas como o elo humano capaz de (re)integrar os atos de ensino e aprendizagem de Keegan (1996). Além do mais, ao extinguir as funções puramente administrativas e burocráticas da antiga tutoria e exigir formação



## ARTIGO

acadêmica compatível para o apoio didático (Brasil, 2025), a nova legislação valoriza a interação qualificada, através da mediação. Contudo, para ser mediador(a) em ecossistemas tão complexos e diversos, o domínio do conteúdo não basta, ou seja, faz-se necessário que a mediação pedagógica também domine um repertório de competências socioemocionais (Amorim; Castanho, 2008). Nessa perspectiva, destacam-se, por exemplo, a empatia, compreendida como a capacidade de humanizar as relações e validar o sentimento do outro (Chalita, 2004), a escuta ativa, essencial para perceber as movimentações e silêncios dos alunos no ambiente virtual (Martins; Baptista, 2018), bem como a resiliência, sendo esta fundamental para lidar com as frustrações tecnológicas e o distanciamento físico, sem romper o vínculo pedagógico (Aguiar; Grossi, 2024). Todos esses atributos, por conseguinte, tornam-se capazes de acolher as singularidades culturais e superar as barreiras da distância transacional (Moore; Kearsley, 2007).

A relevância desta análise, nesse cenário, reside na necessidade premente de transcender a visão tecnicista da EaD, que muitas vezes prioriza a infraestrutura digital em detrimento das relações humanas (Kenski, 2012). Nesse ponto, justifica-se a investigação pela urgência em compreender como a atuação qualificada do(a) mediador(a) pedagógico, no enfrentamento da distância transacional, pode fortalecer o vínculo estudantil, mitigando o sentimento de não pertencimento, fator esse que, segundo estudos recentes, antecede e potencializa a evasão (Silva *et al.*, 2024). Essa mediação torna-se crítica em regiões marcadas por desafios logísticos e desigualdades territoriais singulares, como a Amazônia e o Sertão nordestino, onde a técnica muitas vezes chega antes do acolhimento social (Santos, 2006). Assim, ao deslocar o foco da conectividade para a conexão afetiva, a pesquisa contribui para o debate sobre a democratização efetiva do ensino superior EaD, ao defender que a verdadeira inclusão só ocorre quando o estudante se sente parte integrante de uma comunidade de aprendizagem (hooks, 2017), independentemente de sua localização geográfica.

Não obstante esse horizonte humanista que valoriza a presença, afeto, diálogo e construção de sociedades para aprendizagem, a realidade institucional da EaD



## ARTIGO

brasileira ainda revela desafios que comprometem esse ideal. Entretanto, apesar da expansão do acesso e da regulamentação da figura da mediação, persiste uma lacuna crítica na formação desses profissionais para lidar com a dimensão subjetiva do estudante (Mendonça; Gruber, 2019). Nesse passo, a massificação dos cursos aliada à padronização dos processos avaliativos tende a invisibilizar as angústias e as necessidades singulares dos estudantes que vivenciam contextos de isolamento geográfico e cultural. Diante dessa conjuntura, emerge a seguinte questão norteadora: de que maneira as competências socioemocionais da mediação pedagógica podem atuar como redutores da distância transacional, promovendo a permanência e o engajamento estudantil nesses cenários desafiadores?

Com o intuito de responder a tal indagação, este artigo tem como objetivo geral analisar a importância das competências socioemocionais na atuação da mediação pedagógica como estratégia para a redução da distância transacional na EaD. Para tanto, busca-se especificamente: (i) discutir os conceitos de distância transacional e presença social em ambientes virtuais, (ii) identificar as competências socioemocionais essenciais para a mediação pedagógica, tais como empatia, escuta ativa e resiliência, e, por fim, (iii) relacionar essas competências com a promoção do sentimento de pertencimento e a construção de vínculos afetivos em ambientes de aprendizagem. Então, tais objetivos orientam a estrutura analítica subsequente e fundamentam a relevância de se pensar uma EaD que seja, ao mesmo tempo, tecnologicamente mediada e humanamente conectada.

Para responder à complexidade do problema proposto, este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, documental e interpretativa, fundamentada em autores da pesquisa social como Creswell (2014), Minayo (2025) e Yin (2015). Entende-se, dessa forma, que a mediação pedagógica, especialmente em contextos de isolamento, é um fenômeno que exige métodos capazes de capturar as nuances subjetivas e relacionais, para além dos dados numéricos. O tratamento dos dados, sob tal enfoque, pautou-se na análise hermenêutica, compreendida aqui como o esforço interpretativo de identificar os sentidos subjacentes às práticas de mediação em contextos de isolamento geográfico e cultural. Destarte, a constituição do *corpus*



## ARTIGO

teórico obedeceu a critérios de relevância e atualidade, triangulando três dimensões fundamentais, ou seja, a estrutura da EaD, fundamentada na Distância Transacional de Moore (1993) e na reintegração de Keegan (1996), a dimensão socioemocional, sustentada pela neurobiologia de Damásio (2000) e pela pedagogia de Freire (1996) e hooks (2017), e, por fim, a dimensão territorial, ancorada na geografia crítica de Milton Santos (2006) e nos estudos de pertencimento de Scortegagna, Marques e Gotti (2016).

Ademais, a organização do artigo reflete essa triangulação analítica, isto é, parte-se da discussão conceitual sobre distância e afeto, para, em seguida, examinar as práticas de *feedback* e os processos de construção identitária em territórios educacionais dispersos. Por fim, a conclusão sintetiza os achados, destaca suas implicações pedagógicas, além de apontar horizontes para futuras investigações sobre a formação socioemocional de mediadores e sua atuação em locais geograficamente heterogêneos da EaD.

## 2 CARTOGRAFIAS DO AFETO: A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA COMO ARQUITETA DE VÍNCULOS NA EAD

Dando continuidade à metáfora inicial da travessia entre Caatinga e Floresta, imagens que representam não apenas territórios físicos, mas paisagens emocionais e pedagógicas da EaD brasileira, esta seção aprofunda os fundamentos teóricos que sustentam a compreensão da mediação pedagógica como força integradora nesse percurso. É inegável, nessa senda, que a atuação da mediação pedagógica encontra respaldo teórico robusto na Teoria da Reintegração dos Atos de Ensino e Aprendizagem, proposta pelo teórico irlandês Desmond Keegan (1996), para quem a educação a distância, por sua natureza, opera uma ruptura radical, isto é, ela separa o ato de ensinar (que ocorre na preparação do material e no planejamento) do ato de aprender, o qual se estabelece na solidão do estudo individual (Keegan, 1996).

Esse distanciamento estrutural, nesse diapasão, produz um vácuo comunicacional que exige recomposição pedagógica, sustentada por práticas mediadoras capazes de restituir a intersubjetividade perdida na separação espaço-temporal. Em certa medida, essa cisão rompe o vínculo natural e imediatista que



## ARTIGO

existe na sala de aula presencial e cria um vácuo comunicacional, em que o grande desafio hodiernamente, da EaD, não é apenas entregar conteúdo, mas reconstruir, ou (re)integrar, artificialmente esse elo através da comunicação mediada.

A mediação, nessa visão, não pode ser reduzida a um mero suporte técnico ou tirador de dúvidas, visto que, conforme o novo marco regulatório (Brasil, 2025), as atividades estritamente administrativas e burocráticas ficam a cargo do tutor, liberando o mediador pedagógico para o foco no processo de ensino-aprendizagem. A par disso, a mediação pedagógica é a força motriz dessa reintegração, o artífice responsável por restabelecer a intersubjetividade perdida na distância geográfica, e é nesse ponto que a técnica encontra a vida, quer dizer, o mediador atua para humanizar o que Santos (2006) denomina de meio técnico-científico-informacional, ao impedir que a tecnologia se torne um fim em si mesma. Nesse esteio, é a mediação que transforma o espaço vazio, entre a instituição e o aluno, em um *locus* habitado de aprendizagem e Kenski (2012) reforça essa visão, ao inferir que as tecnologias digitais alteram a estrutura do ensino, mas dependem vitalmente dessa mediação humana para que a informação trafegue não apenas como dado, mas como experiência significativa.

Indiscutivelmente, para o estudante que carrega consigo a sombra do isolamento, (seja no silêncio da Caatinga ou na imensidão Amazônica), essa (re)integração proporcionada pela mediação, que confere sentido à sua existência acadêmica e à sua presença no ciberespaço (Lévy, 1999; Godoy, 2009). Nessa sintonia, sem essa rede social mediadora, o processo de aprendizagem corre o risco de se tornar estéril, mecânico, apático e insignificativo (Martins; Baptista, 2018). É exatamente nesse ponto que se torna relevante o aporte da neurociência, pois a validação da presença do estudante é, em última instância, de natureza biológica. Damásio (2000) demonstra que consciência, motivação, aprender e ensinar emergem de um substrato emocional, logo, qualquer prática educativa que ignore essa dimensão fragiliza o próprio processo cognitivo. A mediação afetiva, assim, não é ornamento, mas fundamento, e sem ela, a EaD corre o risco de reduzir-se a fluxo de dados desprovido de significado humano. Nesse esteio, garantir que o aluno não se sinta isolado não é apenas uma estratégia de retenção institucional, mas uma



## ARTIGO

condição cognitiva essencial para que a aprendizagem ativa possa realmente acontecer (Zwicker *et al.*, 2021).

Nesse entrelaçamento, pesquisas recentes apontam que o engajamento e a permanência dos estudantes na EaD dependem, sobretudo, da qualidade das interações entre os diversos atores do processo de ensino-aprendizagem, assim como da capacidade da mediação de produzir vínculos significativos, que façam o estudante sentir-se parte da comunidade acadêmica (Assis *et al.*, 2025; Aguiar; Grossi, 2024). Essa perspectiva dialoga diretamente com concepções humanistas e emancipatórias, como as de Freire (1996) e hooks (2017), que compreendem o ato educativo como um encontro ético-político, no qual o educador reconhece o sujeito em sua historicidade e cria condições para que a aprendizagem se realize de forma crítica, sensível, audível e situada (Filho, 2014; Garbelini; Gonçalves, 2015). Sob esse olhar, compreender a mediação socioemocional (comunicação contínua/continuada, *feedback* qualificado/empático, além da presença pedagógica) é compreender as bases subjetivas que sustentam a permanência na EaD (Cofferri; Novello, 2024; Pimentel; Costa, 2009), especialmente em territórios marcados por dispersão geográfica e fragilidades relacionais (Santos, 2006). Ao contrário do que se pode supor, a mediação não apenas aproxima corpos distantes, ela produz pertencimento, sentido, acolhimento e reconhecimento, convertendo o não-lugar do espaço virtual em território habitado de vínculos, trajetórias, afetos e possibilidades.

### 2.1 DO SILÊNCIO AO DIÁLOGO: O *FEEDBACK* E A INTERATIVIDADE COMO INSTRUMENTOS DE VÍNCULO

Ao observar esse cenário, se a distância transacional é o problema central, a interação qualificada apresenta-se como o remédio pedagógico mais eficaz para mitigar o isolamento e promover a aprendizagem (Moore, 1993), de forma que, quanto menor o diálogo e maior a estruturação rígida do curso, mais intensa tende a ser essa distância transacional. Contudo, é imperativo superar a frequente confusão entre acesso e interação, sendo assim, Souza e Bairral (2016) alertam que o simples ato de *logar* no AVA ou mesmo baixar um material não garante que o estudante esteja efetivamente aprendendo ou se relacionando, sendo perfeitamente possível estar



## ARTIGO

conectado tecnicamente, mas isolado humanamente (Silva; Silva, 2024).

Diante disso, o papel do mediador pedagógico consiste em transformar as potenciais ferramentas de engajamento em experiências reais de interatividade (Santos; Sabbatini, 2014). Nesse contexto, romper o silêncio que muitas vezes predomina nos fóruns e salas virtuais implica promover condições para que o estudante participe ativamente do processo formativo, atribuindo sentido às interações e construindo, coletivamente, percursos de aprendizagem significativa (Zwicker *et al.*, 2021).

Nessa dinâmica de construção de vínculos, o *feedback* assume um papel estratégico, devendo ter máxima atenção para ele não ser reduzido a uma mera correção de tarefas (certo/errado ou verdadeiro/falso), mas deve ser compreendido como um dispositivo pedagógico de permanência. Segundo Cofferi e Novello (2024), o *feedback* formativo e afetivo funciona como uma bússola para o estudante perdido na vastidão de informações, sinalizando que há alguém do outro lado da tela que se importa com seu percurso e sua real aprendizagem.

O retorno oferecido pela mediação, assim sendo, precisa ser ágil, personalizado, empático e sensível às necessidades de cada aluno, convertendo o momento avaliativo em oportunidade de diálogo e não de julgamento (Chalita, 2004). Como consequência, quando isso ocorre, o *feedback* deixa de ser apenas um mecanismo técnico de avaliação e se torna um gesto de reconhecimento, diminuindo a sensação de isolamento e fortalecendo o vínculo pedagógico. Interação e *feedback* constituem, por assim dizer, elementos indissociáveis da recomposição pedagógica necessária à EaD contemporânea, capazes de reduzir a distância transacional e transformar o ambiente virtual em espaço dialógico, habitado, de pertencimento e afetivamente sustentado.

## 2.2 DO "NÃO-LUGAR" AO TERRITÓRIO DE PERTENÇA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INSTITUCIONAL

Para além da interação pontual em disciplinas, o desafio crucial da EaD em regiões isoladas reside na transmutação do curso em um verdadeiro território de



## ARTIGO

pertença (Scortegagna; Marques; Gotti, 2016), contrapondo-se à vivência de muitos estudantes que percebem o ambiente virtual como um não-lugar, onde a ausência de vínculos físicos e simbólicos exacerba sentimentos de desamparo e invisibilidade (Bok, 2016). Nessa perspectiva, a organização pessoal do estudante, aliada à capacidade de se sentir integrante de uma comunidade maior, constitui o alicerce para a sua permanência (Alves; Varela; Pilatti, 2022). Exemplificamente, estudos de caso, como o do programa Pertencer EaD, corroboram essa premissa ao demonstrar que ações institucionais focadas no acolhimento e na usabilidade pedagógica tecem uma rede de proteção capaz de sustentar o aluno nos momentos de maior dificuldade (Alves; Varela; Pilatti, 2022).

Nesse sentido, a construção da identidade do aluno com a instituição não é um dado a priori, mas um processo ativo e contínuo de vinculação simbólica (Enriquez, 2024), que exige esforço deliberado de organização e reconhecimento por parte do estudante (Sales, [202-]). Nesse sentido, a produção de narrativas locais, como documentários e projetos que valorizem a cultura e o território do aluno (seja no Sertão ou na Amazônia), fortalece o que Scortegagna, Marques e Gotti (2016) denominam de processo de pertencimento. Quando a instituição de ensino, no entanto, deixa de ser uma entidade abstrata e distante para dialogar com a realidade local, o risco de evasão, frequentemente associado à ausência de suporte pedagógico e afetivo (Alves; Varela; Pilatti, 2022), tende a diminuir drasticamente (Silva *et al.*, 2024). Afinal, a permanência estudantil está intrinsecamente ligada à consolidação de um lugar de segurança e identificação no ambiente acadêmico, superando a frieza da distância geográfica (Bok, 2016), superando a condição de não-lugar e promovendo o enraizamento do estudante no curso (Alves; Varela; Pilatti, 2022).

A mediação pedagógica prevista no Decreto nº 12.456/2025 (Brasil, 2025) exige, portanto, mais do que domínio técnico das plataformas, ela demanda competências socioemocionais capazes de reconhecer ritmos, culturas, tendências e condições materiais diversas, produzindo ambiências formativas que favoreçam autonomia intelectual e participação ativa na comunidade de aprendizagem (Martins; Baptista, 2018). Por conseguinte, essa mediação constitui a principal via de superação



## ARTIGO

do não-lugar, pois converte o virtual em presença simbólica e afetiva, condição indispensável para que o estudante crie raízes e se reconheça como sujeito do processo.

A partir dessa reflexão, Freire (1996) já afirmava que ensinar requer amorosidade, afetividade, humildade e escuta sensível, elementos constitutivos da relação educativa, que não podem ser substituídos por dispositivos tecnológicos, uma vez que se vinculam ao reconhecimento do outro como sujeito histórico e situado. Na mesma direção, hooks (2017) sustenta que a docência implica uma ética da presença, na qual o cuidado, o engajamento, o afeto e a abertura ao diálogo são dimensões indissociáveis da prática educativa.

No âmbito da EaD, por sua vez, essas competências permitem à mediação pedagógica reconhecer singularidades culturais, ritmos de aprendizagem e ainda condições materiais diversas, produzindo ambiências formativas que favorecem a autonomia intelectual, a atribuição de sentido à experiência escolar, a participação ativa na comunidade de aprendizagem e o sentido de pertencimento às instituições de ensino (Martins; Baptista, 2018). Nessa toada, em ecossistemas educacionais híbridos e geograficamente dispersos (Moran, 2012), é nesse conjunto de práticas socioemocionais que se encontra a principal via de redução da distância transacional, transformando o encontro pedagógico em espaço de diálogo, acolhimento, afetuosidade e construção coletiva.

Em última análise, quando a mediação deixa de ser apenas um mecanismo técnico e passa a ser relação, cuidado, afeto e presença, a EaD revela sua potência mais profunda, ou seja, fazer florescer humanidade mesmo quando os corpos estão longe e, assim, converter a travessia entre Caatinga e Floresta em território fértil de encontros, sentidos, identidades e emancipação.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isso posto, o percurso reflexivo deste estudo evidenciou que a superação dos desafios impostos pela distância transacional na EaD não reside na sofisticação dos aparatos tecnológicos, mas na qualificação humana e sensível da mediação



## ARTIGO

pedagógica (Kenski, 2012). Conforme aponta Moore (1993), a distância transacional é menos geográfica e mais relacional, dependente da intensidade do diálogo e da presença pedagógica que estruturam o processo formativo. Nessa seara, ao analisar os contextos de isolamento geográfico e cultural constatou-se que a tecnologia é condição necessária, porém insuficiente, para garantir a permanência e o êxito estudantil. Desse modo, a verdadeira conectividade que sustenta a aprendizagem é tecida na dimensão afetiva, onde o mediador atua não apenas como transmissor de conteúdo, mas como arquiteto de vínculos e sentidos (Sihler; Ferreira, 2011).

Confirmou-se a tese de que o domínio de competências socioemocionais, notadamente a empatia, a escuta ativa, a resiliência e o afeto, é o diferencial que permite ao mediador transformar o não-lugar do ambiente virtual em um território de pertença e acolhimento (Scortegagna; Marques; Gotti, 2016). Diante da nova regulamentação que redefine os papéis na EaD, urge que as políticas de formação continuada transcendam o treinamento instrumental das plataformas e invistam na literacia emocional do corpo docente. Em um país de dimensões continentais e desigualdades profundas, em certa medida, a educação a distância só cumprirá sua promessa democratizante se for capaz de encurtar as distâncias que separam não apenas os corpos, mas as subjetividades (Santos, 2006), horizonte já antecipado por Moran (2012), ao afirmar que os territórios de aprendizagem só florescem quando articulam tecnologia e humanidade.

Ainda, fica o convite para que futuras pesquisas investiguem, empiricamente, como essas competências se materializam no cotidiano dos polos, bem como sobre iniciativas que fortaleçam vínculos em regiões periféricas e ribeirinhas, garantindo, assim, que a inovação na Amazônia (e em todo o Brasil) tenha, antes de tudo, um rosto humano. Por fim, se a EaD tem sido chamada a atravessar Caatingas e Florestas, cabe aos mediadores a tarefa de transformar essas travessias em caminhos de encontro, reconhecimentos, potências e abraços, mesmo que virtuais. Afinal, o horizonte permanece aberto, e é nele que a pesquisa futura continua chamando-nos a pensar e reinventar, continuamente, o que significa ensinar e



## ARTIGO

aprender à distância, fazendo emanar humanidade mesmo quando os corpos estão longe.

### REFERÊNCIAS

AMORIM, Verussi Melo de; CASTANHO, Maria Eugênia. Da dimensão estética da aula ou do lugar da beleza na educação. **Reflexão e Ação**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 158-173, 2008. DOI: <https://doi.org/10.17058/rea.v15i1.229>. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/reflex/article/view/229>. Acesso em: 20 nov. 2025.

AGUIAR, Camila de; GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro. Afetividade na educação a distância: um estudo de caso. **EaD em Foco**, v. 14, n. 1, e2134, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v14i1.2134>. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2134>. Acesso em: 1 nov. 2025.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. A afetividade na relação educativa. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 283-284, mai./ago. 2013.

ALVES, Julliana Cunha; VARELA, Eloisa Marques Cardoso; PILATTI, Gustavo. Programa Pertencer EAD: caminhos para a gestão da permanência no ensino técnico. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8., 2022, Maceió. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/88588>. Acesso em: 20 out. 2025.

ASSIS, Rafael Gabriel; PIMENTEL, Fernando Silvio Cavalcante; SILVA, Alan Pedro da; MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Concepção de programa de ensino para enfrentar o isolamento e a sensação de não pertencimento em cursos superiores da EaD. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 127, p. 1-23, abr./jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362025003304913>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/htRqDNB3fhN3pF9kkPsHLcg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOK, Guat Im. Belonging in distance learning: perspectives of adult learners in Malaysia. **Learning and Teaching**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 55-76, 2016. DOI: <https://doi.org/10.3167/latiss.2023.160104>. Disponível em: <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/latiss/16/1/latiss160104.xml>. Acesso em: 17 nov. 2025

BRASIL. Decreto nº 12.456, de 19 de maio de 2025. Institui o Marco Regulatório da Educação a Distância. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 mai. 2025. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2025/decreto/d12456.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/decreto/d12456.htm). Acesso em: 20 mai. 2025.



## ARTIGO

CARDOSO, Ana Maria; GENOVEZ, Maria Salete; SANTOS, Moisés Lucas dos; CARLETO, Nivaldo; SILVA, Simone Cecília Peregrini da. A (re)significação de posturas frente à educação a distância. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 3-18, jul./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2012v8n2p3>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2012v8n2p3>. Acesso em: 19 out. 2025.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 14. ed. São Paulo: Gente, 2004.

COFFERRI, Fernanda Fátima; NOVELLO, Tanise Paula. Perspectivas acerca do feedback como dispositivo para a permanência na educação a distância. **EaD em Foco**, [S. l.], v. 14, n. 1, e2084, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v14i1.2084>. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2084>. Acesso em: 18 nov. 2025.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 11. ed. São Paulo: Global, 2019.

CRESWELL, John Warren. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FILHO, Aurivar Fernandes. Educação a distância: uma prática de liberdade? **EaD em Foco**, [S. l.], v. 4, n. 2, 2014. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v4i2.161>. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/161>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GODOY, Karla Estelita. **Formação humana no ciberespaço: os sentidos da presença na educação a distância**. 2009. Tese (Doutorado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/14775>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GARBELINI, Viviane Maria Penteado; GONÇALVES, Ely. Educação a distâncias: características e direcionamentos pedagógicos na era digital. **EaD em Foco**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v5i2.265>. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/265>. Acesso em: 10 nov. 2025.

ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social**. Tradutoras: Teresa Cristina Carreiro e Jacyara Nasciutti. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

HOOBS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.



## ARTIGO

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KEEGAN, Desmond. **Foundations of distance education**. 3. ed. London: Routledge, 1996.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e à distância**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012. (Série prática pedagógica).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTINS, Letícia Martins; RIBEIRO, José Luis Duarte. Os fatores de engajamento do estudante na modalidade de ensino a distância. **Revista Gestão Universitária na América Latina**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 249-273, maio 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/1983-4535.2018v11n2p249>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2018v11n2p249>. Acesso em: 1 nov. 2025.

MARTINS, Vanderléia; BAPTISTA, Ana Alice. A Afetividade na Educação Online: Percursos e Possibilidades. **EaD em Foco**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v8i1.639>. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/639>. Acesso em: 19 nov. 2025.

MENDONÇA, Igor Thiago Marques; GRUBER, Crislaine. Interação síncrona na educação a distância a partir do olhar dos estudantes. **Informática na Educação: Teoria & Prática**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, maio/ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-1654.88643>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/88643>. Acesso em: 10 out. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2025. (Série Manuais Acadêmicos).

MOORE, Michael Grahame. Theory of transactional distance. *In*: KEEGAN, Desmond (org.). **Theoretical principles of distance education**. London: Routledge, 1993. p. 22-38.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.



## ARTIGO

PIMENTEL, Fernando Silvio Cavalcante; COSTA, Cleide Jane de Sá Araújo. O tutor e as interações no ambiente virtual de aprendizagem. *In*: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (org.). **Fundamentos e práticas na educação a distância**. Maceió: EDUFAL, 2009. p. 35–52. Disponível em:

<https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/1325/1/Fundamentos%20e%20pr%C3%A1ticas%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20dist%C3%A2ncia.pdf>.

Acesso em 15 nov. 2025.

RODRIGUES, Joventina Firmino; MENDONÇA, Cláudio Márcio Campos de; MENDONÇA, Anna Valeska Procópio de Moura. Gestão em EaD: A Afetividade na Visão de Tutores e Alunos. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 28, n. 59, p. 448-469, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.vol28.n59.p448-469>. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/8454>.

Acesso em: 19 nov. 2025.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

SALES, Lana Carolina Maués de. **Pertencer EaD: desenvolvendo competências para estudar a distância: organização do(a) estudante e pertencimento institucional**. Belém: UFPA, [202-]. Produto técnico (Mestrado Profissional). Disponível em:

[https://ead.ufpa.br/pluginfile.php/622132/mod\\_resource/content/10/Organiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20Estudante%20e%20Pertencimento%20Institucional.pdf](https://ead.ufpa.br/pluginfile.php/622132/mod_resource/content/10/Organiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20Estudante%20e%20Pertencimento%20Institucional.pdf).

Acesso em: 10 nov. 2025.

SANTOS, Adriana Alves Moreira dos; SABBATINI, Marcelo. A presença e o virtual na EaD: reflexão sobre o estágio supervisionado nesse contexto. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 7., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2014. Disponível em:

[https://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo\\_1\\_Educacao\\_e\\_Processos\\_de\\_Aprendizagem\\_e\\_Cognicao/25977arq03589445467.pdf](https://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_1_Educacao_e_Processos_de_Aprendizagem_e_Cognicao/25977arq03589445467.pdf). Acesso em: 19 nov. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SERRA, Daniela Tereza Santos. **Afetividade, aprendizagem e educação online**. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2005. Disponível em:

[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao\\_SerraDT\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_SerraDT_1.pdf). Acesso em: 7 set. 2025.

SIHLER, Anelise Pereira; FERREIRA, Sandra Mara Bessa. A afetividade mediada por meio da interação na modalidade à distância como fator preponderante para a diminuição da evasão. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 17., 2011, Manaus. **Anais [...]**. São Paulo: ABED, 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/116.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2025.



## ARTIGO

SILVA, Alana Ramos da et al. Uma análise quantitativa dos determinantes da evasão no ensino superior EaD. *EaD em Foco*, [S. l.], v. 15, n. 1, e2322, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v15i1.2322>. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2322>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SILVA, Alana Ramos da; PEREIRA, Fernanda Cristina; MENDONÇA, Rafael de Souza; ALMEIDA, Ricardo Guilherme Monteiro de; BARBOSA, Everaldo Henrique dos Santos; DELGADO, Karina Valdivia. Uma Análise Quantitativa dos Determinantes da Evasão no Ensino Superior EaD. *EaD em Foco*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. e2322, 2025. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v15i1.2322>. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2322>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SILVA, Claudemir dos Santos; SILVA, Ivanda Maria Martins. Didática Intercomunicativa e Afetividade na Educação a Distância. *Revista Docência e Cibercultura*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 01-15, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/72991>. Acesso em: 5 out. 2025.

SCORTEGAGNA, Liamara; MARQUES, Raphaela Benetello; GOTTI, Rodrigo Lobão. Processo de pertencimento e identidade do aluno com a instituição de EaD: relato de experiência na produção de documentários. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA*, 22., 2016, Águas de Lindóia. *Anais [...]*. São Paulo: ABED, 2016. Disponível em: <https://www.abed.org.br/congresso2016/trabalhos/178.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SOUZA, Robson Marques de; BAIRRAL, Marcelo Almeida. Acessar ou interagir? Uma análise em disciplinas da licenciatura em matemática no Cederj. *EaD em Foco*, [S. l.], v. 6, n. 3, 2016. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v6i3.356>. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/356>. Acesso em: 18 nov. 2025.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZWICKER, Melanie Retz Godoy dos Santos; SOUSA, Karen Dias de; JESUS, Rosivania Santos de; SOUZA, Luciana Cristina de; AZEVEDO, Rodolfo Jardim de. O Fórum e a Aprendizagem Ativa na EAD. *EaD em Foco*, [S. l.], v. 11, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v11i1.1419>. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1419>. Acesso em: 30 mai. 2025.